

deitado de costas, o homem vê o azul curvo do tempo, o mundo come-lhe os olhos numa devoração paciente e ele sabe que essa fome de larva estende a sombra pela manhã que se ergue do muro arruinado do jardim, a cal em películas, a argamassa a esboroar-se sobre as boas-noites, as flores contraídas pela luz de um dia fendido, o calor seca a penugem do musgo, empola a tinta verde do portão, faz ressoar moscas, vespas e abelhas, de quando em quando liberta-se uma pétala de flor de cerejeira e o ar torna-se vacilante, atrás do muro as vozes das crianças são rasteiras como uma vegetação estéril, ervas sem nome, uma bola eleva-se: zona cega no azul do tempo, cega e peregrina, a copa da cerejeira estilhaça-a o sol, varejeiras pou-sam na face inferior das folhas e arqueiam-nas, quando levantam voo elas abrem a totalidade do seu verde numa sombra elíptica que balança, do canteiro sobe o caule nodoso de uma couve, no alto encrespa uma cor que se chama comestível, come-a a lagarta num ruído de serrilha, ao longo da nervura, até ela desaparecer na fome persistente, as urtigas ultrapassam a face do homem e reduzem-no ao tamanho de um insecto, a nespereira seca ramifica-se num desenho escuro contra o azul côncavo, na verdade não é uma árvore seca, é uma árvore podre, cheia de humidade assassina que engelha e dessora, apo-

drecida pela luz nos seus movimentos imperceptíveis, enegrecida pelo dia que lhe é contra e produz a precisão dessa morte, porque há árvores que não secam, apodrecem, segregam uma morte animal, subterrânea, um pássaro que nelas queira pousar, temerá o lugar incerto, o partir do ramo sob o peso, por isso há-de bater as asas no mesmo sítio, indeciso,

viu-o o homem num relance de olhos, e delimitou o espaço ao deslocá-los até à videira, no outro lado do quintal, cobrindo o muro, ali chegam cansados e detêm-se, tantas coisas os pesam que se fecham,

a lagarta abre um som circular na folha de couve, o pardal desprende-se da sua paragem sobre o ramo e fica um som trémulo a desvanecer-se, a tinta do portão é um som que se fractura, no limoeiro as cochonilhas são o som de animais grudados aos troncos mais tenros numa fome parasita, o azul curvo do tempo desfaz-se em som,

o homem, deitado no canteiro, ouve secarem-se-lhe os lábios, perguntarem-lhe o que lhe aconteceu, não sabe, por isso responde: caí, quem o interrogou cala-se, e fica só uma cara expectante que do alto se debruça para ele, e espera, e na espera se torna uma sombra no céu,

um tempo de sombra agoira sobre o homem:

— não me aconteceu nada.

e acrescenta:

— escorreguei e caí.

— como sua mãe.

ouve ele,

— como minha mãe.

termina.

som terminal. Volta-se e esmaga as urtigas com o ombro, são plantas novas que ainda não picam, translúcidos as folhas e os caules; há cascas de caracóis, a esmo, espalhadas na terra; uma centopeia parada sobre uma lasca de madeira carcomida perscruta com as antenas o ar imóvel da manhã, merda:

diz o homem, um trevo estremece, ou é somente a luz a latejar, a vibração do rebordo do canteiro cheio de musgo por onde desliza a lesma, nesta manhã anunciadora de todo o esquecimento; o homem quer apoiar-se no cotovelo, mas o cotovelo enterra-se e o ombro inclina-se, e nessa descida esmaga as ervas, entra na terra devagar, tão lenta a morte que o vai cobrir sob a curva incólume do céu; faz um esforço e abre a mão, torna-a clara à luz da força que a abre, a outra luz recorta-a num desenho de mão, uma criança na luz branca do papel suspende um traço, pensa-o um pouco, acaba-o e diz: a mão.

estão criados os objectos: o quintal, o céu e os muros, os animais humílimos na sua indiferença, os resíduos da morte e da ressuscitação.

a mão apoia-se no granitado verde da parede, o dedo mínimo rase os caixilhos enferrujados da marquise, os vidros acentuam o vazio interior, vê-se a cozinha: as paredes cobertas até meio de azulejos de balneário, alguns caíram, e o lugar onde estiveram absorve o dia e transforma-se num amarelo rugoso que ameaça desprender-se,

do tecto, preso por dois fios, oscila um tubo de um branco purulento,
junto à porta do corredor, a luz escurece e empasta-se sobre pequenos móveis onde adquire o seu lado sombrio, cintilações na prata das molduras, no relevo de flores nas jarras, no abaulado do mármore dos tampos, a luz torna-se mais fechada na madeira dos lambrins e no ângulo dos umbrais, interna-se pelo corredor e arqueia-o, ao longo dele quase se perde, como um negro de bolor a alastrar, movimento insidioso cheio de uma fome criptogâmica, tumor no íntimo da casa,
ao fundo abre-se uma porta para a sala, vê-se a janela de guilhotina cujos vidros quadriculam: a parede de azulejos do prédio em frente, a varanda de ferro forjado com um vaso de sardineiras a um canto, o tufo verde e rosa manchado de cagadelas de pombo,
o homem apercebe-se da vulnerabilidade da casa, reconhece que o seu peso era o da pessoa que a habitava, e agora vazia ei-la entregue à decrepitude,
no parapeito da janela da casa de banho acumulou-se o lixo: terra, algodão, algumas penas: e as ervas despontam, com as suas raízes vão corroendo a madeira, tornam-na sombria e húmida, um cogumelo cresceu de um dia para o outro e num canto a aranha fez a teia, dos caixilhos caíram bocados de massa de vidraceiro e vêem-se os pregos a segurar os vidros, o sol queimou a tinta, quebrou-a em estilhas que se espalham como poeira de verdete,
não há som,
a morte desceu muda sobre o amarelo da flor da serralha, este é o espaço que devora o mundo continuamente, é a falta,
o olhar do homem, quando se fixa, mancha a paisagem, ele vive essas interrupções intermitentes, leva as mãos à testa: sente a pele gordurosa: os dedos passam na raiz do cabelo e o som que provocam é de secura,

toda a sua atenção se volta para os movimentos mais ínfimos, as coisas mais pequenas, deve ser cansaço esta impossibilidade de alargar o mundo, esta paciente enumeração da pobreza, tira a mão do umbral a que se apoia e fica trémulo: os músculos das pernas têm pequenos espasmos que se propagam pelo tronco, os braços, o pescoço e a cabeça, e os fazem oscilar, e com eles a paisagem, o homem quer mover-se, no entanto, para isso é preciso que o corpo se fixe, caem-lhe pingos de água no cabelo ralo, na camisa, nos sapatos, onde alastram em manchas escuras, ouve: desculpe desculpe, e levanta a cabeça: uma mulher estende a roupa: camisolas, toalhas, meias, lençóis, pesados de água, esticados pelo calor e pelo peso, um pingo atinge-lhe o lábio, um gosto a sabão e a lixívia, ao mesmo tempo frio e limpo, não tem importância: diz a sua voz como um rastro, a fugir dele, a ficar distante, no ar se dispersa num rumor, e desaparece, está velho, numa falta que o envelhece, todas as vozes se tornaram inatingíveis, segregam à sua volta um espaço que ninguém interrompe, sofre: palavra da confissão que se resguarda, a água continua a cair, a mulher lá no alto afastou a roupa e abriu uma clareira, a água cai agora um pouco mais longe, escurecendo o cimento de um rechinar de verão antecipado, entra na marquise, projecta uma sombra que, atravessando a cozinha, quase atinge o corredor, envolve-o um ar menos quente que o fixa a uma forma estável: a sua pele é uma carapaça que, embora frágil, evita a derrocada, senta-se no banco, apoia o braço no tampo da mesa e para ali fica, animal inerte, esmagado pelo peso, nada é sinal, pela porta aberta passam varejeiras, uma borboleta contra a transparência dos vidros produz um som opaco de teimosia, há entre ela e o mundo um nada que a impede, é um ruído espesso